

CONHECER PARA PRESERVAR: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS POPULARES

LEONARDO PAIVA DE OLIVEIRA

WENDELL DE OLIVEIRA SOUZA¹

RESUMO

Este artigo surgiu da necessidade de se apresentar os resultados da aplicação de um subprojeto desenvolvido no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – subárea História. O projeto guarda-chuva estava inserido na área de Consciência Patrimonial e foi desenvolvido no ano de 2012 nas escolas José Fernandes Machado e Régulo Tinoco em Natal/RN. Para o nosso caso em específico foram realizadas intervenções e discussões, bem como visitas à museus de cultura popular e à polos de artesanato, com uma turma do segundo ano do Ensino Médio da Escola Estadual Desembargador Régulo Tinoco durante um semestre letivo. O objetivo da atividade era conhecer para preservar. A importância e relevância da busca pelo despertar de uma sensibilidade por parte dos estudantes no que concerne a questão das heranças histórico-patrimoniais presentes na cidade pode ser percebida através do acompanhamento das atividades propostas, tais como as discussões em sala de aula, aplicação de questionários avaliativos e a exposição, a respeito do que foi trabalhado durante todo o período em que estivemos com eles, na semana cultural da escola em que atuamos. Mas, diríamos que o resultado satisfatório da iniciativa pode ser observado, sobretudo, na nova postura, nos novos olhares e sentidos que eles parecem ter despertado ao ver o quanto o patrimônio, em seu valor de herança, de memória, de registro diz a respeito deles e sobre as gerações passadas, em sua dinâmica de lembrar e esquecer quase nunca casual.

Palavras-chave: Ensino de história – Educação patrimonial – Identidades.

INTRODUÇÃO

¹Graduandos em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/MEC/CAPES). Orientadora Prof.^a Dr.^a Fátima Martins Lopes/UFRN.

A condição social do mundo pós-moderno no Ocidente, é a vivência de um aumento gradativo na velocidade das mudanças. Isso implicou em um acelerado processo de individualização da sociedade. Um dos resultados mais evidentes nesse processo seria o *descentramento* e fragmentação das identidades coletivas, sobretudo aquelas gestadas em meio ao ideário nacional. Assim, este contexto de fragmentação da sociedade tem significado que o indivíduo vive atualmente uma época de identidades transitórias, em constante redefinição, preso numa espécie de eterno presente que o desvincula, o faz perder os laços de pertencimento com as gerações passadas (BAUMAN, 2013). Na passagem da sociedade de produção para a sociedade de consumo, os brinquedos e brincadeiras populares tradicionais, aparentemente, cederam lugar às novas tecnologias eletrônicas da Era Digital. Para muitos jovens pode não parecer, à primeira vista, muito interessante a necessidade de se valorizar tanto o brincar como o *saber fazer* brincar. Muitos alunos, das mais variadas faixas etárias e níveis de ensino, preferem hoje brinquedos eletrônicos em detrimento dos brinquedos populares tradicionais. Apesar de as novas tecnologias eletrônicas desenvolverem habilidades; tais como coordenação motora, atenção/percepção, estímulo-resposta; que lhes são concernentes, é preciso perceber que, historicamente, ser criança hoje é diferente de ser criança a décadas atrás e que essas mudanças não foram naturais. Foram construídas por seres humanos, nas relações que estabeleceram em sociedade e revelam projetos de poder, interesses econômicos, uma lógica de mercado da qual nem elas, as crianças, são dispensadas. E que quando imploram por um *Playstation* novo não o fazem de forma despretensiosa, natural. O fazem por que foram ensinadas a isso.

Nesta perspectiva, tentamos entender como o processo de industrialização foi modificando o brincar. Esta *prática cultural*, hoje se configura muito mais num ato de consumir do que propriamente de lazer. Para entender a importância e a dinâmica do brincar hoje, se faz necessário desenvolver uma *consciência histórica e patrimonial*², objetivando-se despertar o interesse dos alunos sobre os processos de produção dos brinquedos e brincadeiras populares tradicionais. Um passado cada vez mais distante, um presente cada vez mais fugaz,

² Consciência histórica e patrimonial significa para nós, não um *flashback* ou uma sacralização do passado. O passado não necessariamente foi bom ou melhor que o presente. O fundamental é evitar que o presente destrua todas as formas de acesso ao passado, seus registros. É preciso que eles sobrevivam, porque são esses vestígios que nos permitem pensar historicamente, problematizar o passado. A ideia de preservação patrimonial deve ser também um exercício de crítica, por vezes ácida e não apenas uma sessão de deslumbramento.

e um futuro cada vez mais próximo levam algumas pessoas a simplesmente ignorarem a importância do passado. O aceleração da história seria pensado enquanto um processo que envolve *uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio* (NORA, 1981: 07).

Uma geração viciada no aqui e agora, desprovida de referenciais históricos que fornecessem instrumentos capazes de orientar os indivíduos no tempo, consequência imediata do presentismo, coloca a preservação do patrimônio cultural em risco, posto que a identificação, os laços de pertencimento com as vivências e experiências das gerações passadas parecem desprovidas de sentido aos contemporâneos. A cada dia que passa, os elementos provenientes de nossa história adquirem menos importância. O direito ao passado, ou seja, *os referenciais históricos que seriam direito e dever do cidadão apreender para que pudesse ler o seu mundo e nele atuar* (OLIVEIRA, 2011: 194), lentamente seguem sendo deixados de lado, o que acarreta em prejuízo à preservação da própria história. Trabalhar com brinquedos e brincadeiras populares tradicionais aponta uma alternativa lúdica que possibilita desenvolver junto aos alunos, a partir da perspectiva histórica, uma reflexão sobre o passado.

CONHECER PARA PRESERVAR

O conceito de patrimônio é uma construção histórica e social. E, como tal, reflete a dinâmica, os desejos, os anseios e contradições dos grupos sociais que se colocaram na cena pública e tem pautado esse debate desde que sua inserção foi posta em pauta no país. Estão sendo a dinâmica, marcada por embates, fazendo a noção de patrimônio transformar, sobretudo no que diz respeito aos elementos que eram inclusos nessa categoria, as políticas públicas implementadas visando sua preservação. Neste sentido, falar em patrimônio no século 21 não é, efetivamente, o mesmo que debater a temática em meados do século passado. Podemos identificar esses deslocamentos na própria nomenclatura conceitual por que tem passado a ideia de patrimônio, visto que a antiga expressão “patrimônio histórico e artístico” foi substituída, não por mera casualidade, por “patrimônio cultural”. Esse deslocamento/ampliação da concepção de patrimônio não está dissociado das transformações ocorridas em sociedade e reflete também um redirecionamento na discussão concernente a

própria natureza da produção do conhecimento histórico, o qual mostrou-se bastante significativo no país entre as décadas de 1970-80 (GOMES NETO, 2010).

Assim, muitas destas mudanças são representativas das alterações ocorridas dentro do campo historiográfico. A narrativa histórica deixou de se centrar exclusivamente na história das elites políticas e econômicas, na história dos grandes homens e seus feitos dignos de faustos, para ampliar-se a complexidade que envolve a vida dos homens e mulheres no tempo. Outros sujeitos, até então a margem da história, foram incorporados às narrativas históricas. Os “excluídos da História” (operários, mulheres, prisioneiros, pobres, loucos, negros e índios, etc.) começaram a ser objeto de estudo e foram elevados a categoria de protagonistas na trama histórica³. A cultura dos “vencidos” ou “agentes secundários” começou a ser estudada. Dito de outra forma, novos sujeitos, *Novos Objetos, Novos Problemas e Novas Abordagens* foram surgindo na composição da narrativa histórica⁴. O conceito de patrimônio também acompanhou estas modificações. Antes, apenas monumentos que representavam a influência das elites políticas e econômicas regionais, e com pouco ou nenhum valor representativo do povo, era levado em consideração enquanto patrimônio. Antigos prédios e monumentos possuíam o seu significado desconhecido pelas pessoas que muitas vezes não se identificavam com eles. O povo, de maneira geral, não se via representado nos monumentos históricos considerados importantes na história nacional. Hoje, aspectos da cultura material e imaterial, dos mais variados segmentos sociais, são levados em consideração no processo de patrimonialização e tombamento. Representações simbólicas de grupos, antes considerados irrelevantes, passaram a ser considerado patrimônio, tais como: festas populares, culinária, artes plásticas, músicas etc.⁵. A criação de um patrimônio está umbilicalmente ligada à sua estreita relação com a memória e com a História. Por que, os bens alçados a categoria de monumento, são bens escolhidos que se prestam, ou que têm por

³Sobre a incorporação destes novos sujeitos algumas obras são fundamentais neste processo. À guisa de exemplo temos: PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: mulheres, operários, prisioneiros. São Paulo, Paz e Terra, 2011; FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2007; DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

⁴Na década de 1970 Jacques Le Goff e Pierre Nora dirigiram uma coleção composta de três volumes sob mesmo homônimo: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: Novos Problemas; **História**: Novas Abordagens; **História**: Novos Objetos. São Paulo: Francisco Alves, 1977.

⁵O processo de tombamento não garante que “todos” sejam representados. É preciso levar em consideração que todo processo de seleção envolve exclusão. Por mais que outros atores sejam colocados na escrita da história, uns são selecionados para comporem a memória histórica de um povo e outros são deixados de lado. Sendo assim, o que chamamos de “popular” é a construção imagético-discursiva do povo feita por intelectuais.

finalidade nos lembrar, guardar na nossa memória atos, fatos, acontecimentos passados e “dignos” de não serem esquecidos(OLIVEIRA, 2010: 49-50). Ou seja, *como suportes, construídos e preservados no intuito de manutenção/perpetuação dessa memória.* (OLIVEIRA, 2010: 49-50).

Não se pode considerar que haja simplesmente uma inversão de histórias/memórias que passe a exaltar os excluídos, mas acreditar sempre na pluralidade e na possibilidade de que essas histórias/memórias (que acabam por servir de critérios para o estabelecimento do patrimônio) possam conviver e, até mesmo, se complementarem. Devemos ser levados a acreditar na pluralidade e complexidade que envolve as infindáveis memórias que estão em jogo e que foram produzidas pelos diversos segmentos da sociedade (OLIVEIRA, 2010: 51). O problema que enfrentamos atualmente, é que mesmo depois de tanta luta para que as representações culturais dos mais diversos grupos sociais fossem finalmente reconhecidas, muitas pessoas não valorizam o “seu” patrimônio⁶. Isto aparece de forma patente em museus pouco frequentados (mesmo aqueles organizados em torno de representações populares, como o Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão); depredação de edifícios históricos, como o Forte dos Reis Magos; assim como também, que é o alvo de nosso projeto, os brinquedos e brincadeiras populares. A educação patrimonial⁷ se torna, assim, necessária no processo de preservação do patrimônio fazendo uso da conscientização dos alunos no exercício da cidadania, objetivo maior do ensino de História na educação básica. O processo de patrimonialização deve levar em consideração a construção da cidadania. E isso significa *garantir o direito ao passado, o direito à memória, o direito ao confronto de histórias na busca pela liberdade, devem ser determinantes na busca da construção de um projeto de cidadania*(OLIVEIRA, 2010: 51).

Os brinquedos e brincadeiras populares tais como, carrinho de rolimã, pipa, peteca, tica-tica, bambolê, polícia e ladrão dentre tantos outros estão sendo relegados ao esquecimento. Muito disso se deve a transição da sociedade de produção para a sociedade de

⁶ Preferimos colocar “seu” entre aspas, pois, a ideia de patrimônio passa pela percepção de que o patrimônio não é algo natural. Mas, algo construído historicamente que tem a função de perpetuar *uma* memória. Para que este patrimônio exista, de fato, é indispensável a identificação do grupo, qualquer que seja, com ele.

⁷ É preciso deixar claro que o nosso objetivo não é ensinar ao povo o que é ou o que não é patrimônio. Mas, evitar que estes vestígios do passado desapareçam. Aí está a necessidade de se conhecer para preservar. Ou seja, reconhecer enquanto vestígio histórico que subsidia, na Ciência da História, uma problematização do passado.

consumo, que através de ações midiáticas convencem as crianças de que os brinquedos atuais são os que elas precisam para se divertirem. Tendo isso origem, principalmente, a partir da revolução industrial, quando a produção em larga escala passou a ser efetivada e a necessidade de venda se fez cada vez mais presente. Não queremos com isso, condenar os brinquedos modernos, pois assim como os mais antigos, eles também possuem a sua significação para a sociedade atual. Mas, o que acontece é que através desse bombardeio dessas novas tecnologias para as crianças, os brinquedos e brincadeiras tradicionais, como elementos culturais e de forte valor de identidade local, estão sendo cada vez mais apagadas da memória coletiva, sobrevivendo apenas nas memórias daqueles que ainda vivenciaram tais experiências. Sendo assim, a necessidade de se preservar as identidades territoriais, tendo em vista a invasão de elementos cada vez mais descontextualizados de uma realidade local, proveniente do processo de globalização, se faz necessário.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) enfatizam como objetivo do ensino de história o desenvolvimento dessa identidade. É importante destacar também que a medida segundo a qual tais brinquedos eletrônicos parecem se mostrar cada vez mais atraentes, tendo seu consumo naturalizado e até banalizado em seus usos e práticas, a busca por problematizar modos e vivências passadas, por meios dos brinquedos e brincadeiras “tradicionais” justificam sua importância no combate ao individualismo e ao consumismo, já que, normalmente, são produzidos pela própria pessoa e se faz necessária a presença de outras crianças para a realização da brincadeira. O que queremos chamar a atenção é que essas brincadeiras, ditas tradicionais, envolvem uma interação real com o outro. A brincadeira faz parte do processo de socialização do indivíduo (a escola é outro espaço que auxilia neste processo). Quando o indivíduo passou a interagir/brincar com uma máquina o processo de socialização ficou comprometido⁸.

Mas, como estudar esses brinquedos e brincadeiras pode auxiliar no processo de preservação patrimonial? Para isso, o que se deve levar em consideração é que esse tipo de conhecimento é uma herança cultural que faz parte da memória coletiva de um determinado

⁸A problematização dos brinquedos e brincadeiras funciona para se pensar como chegamos aqui. Neste sentido fazê-los produzir seu próprio objeto de lazer é uma forma de garantir um contraste do passado com o presente, já que hoje os brinquedos são comprados prontos. A percepção histórica medeia o processo apresentando mudanças e permanências *no brincar* e *no saber fazer brincar*.

povo. O *saber fazer* desses brinquedos é repassado, ou pelo menos foi, através de gerações, sempre possibilitando um maior contato entre elas. Entende-se o *saber fazer* como um conhecimento de confecção desses brinquedos, a arte de produzir elementos, com as próprias mãos, que possibilitem o brincar. Um elemento indissociável desse conhecimento é o *saber brincar*, que é o conjunto de significados que se dá às brincadeiras e aos brinquedos, pois de nada adianta o acesso ao objeto pronto quando não se sabe o que fazer com ele. Existem algumas especificidades que precisam ser levadas em consideração. Algumas crianças brincavam com brinquedos populares, não por quererem, mas por não ter dinheiro suficiente para comprar os brinquedos que outras crianças possuíam. Era possível também que algumas crianças possuíssem imitações de brinquedos industrializados. Através da educação patrimonial, pretendemos demonstrar aos alunos como tais práticas fizeram parte da história do nosso lugar, e não afirmamos que tais alunos tenham necessariamente que se identificar com tais práticas, mas conhecê-las para preservá-las.

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM AÇÃO

Em meio a reuniões com a professora Fátima Martins Lopes, e demais bolsistas do PIBID, antes do início do segundo semestre letivo das escolas, uma temática de atuação foi sugerida: Consciência Patrimonial. A partir dela, sub-temáticas deveriam ser elaboradas por cada equipe de bolsistas. Foi então que a ideia de trabalhar com brinquedos e brincadeiras populares surgiu. Durante o período de agosto a novembro de 2012 uma turma do segundo ano do Ensino Médio foi observada. O projeto foi sendo desenvolvido a partir de aulas expositivas em sala de aula; visitas a museus e polos de artesanato; e no fim, a realização da mostra cultural da escola. Ele foi conduzido de acordo com as orientações do ‘Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial’ produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN –, como também a avaliação das nossas ações. A construção do projeto seguiu as seguintes etapas metodológicas: observação, registro, exploração e apropriação. O processo de observação desenvolveu-se através de um exercício de percepção sensorial (visão, tato, audição, entre outros); o de registro baseou-se em todo e qualquer registro que seja proveniente do primeiro processo, buscando-se fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo; o de exploração foi motivado por meio de análises de bens culturais com discussões, questionamentos e pesquisas

em outros lugares, para que a capacidade de análise no aluno foi desenvolvida; e, por fim, o processo de apropriação, que seria uma recriação do bem cultural através de uma releitura do mesmo.

Inicialmente foram trabalhados conceitos-chaves com os alunos, tais como o de patrimônio, patrimônio material e imaterial⁹, museu, cultura, tradição e modernidade. Através desse diálogo objetivava-se uma melhor compreensão por parte dos alunos, desse universo amplo que é o patrimônio cultural. Eles foram trabalhados para que quando os estudantes fossem visitar os museus e casas de artesanato, eles já estivessem familiarizados com o que encontrariam por lá e desta maneira, identificassem questões-chaves para o nosso direcionamento.

Seguindo a primeira etapa que é a da observação, os discentes foram levados para uma visita ao Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão. Algo interessante a ser destacado aqui com referência ao conteúdo desse museu é o foco de interesse dele, que é a cultura popular do Estado do Rio Grande do Norte. O museu apresentava-se dividido em quatro módulos: Omundo encantado dos folguedos e das danças tradicionais do RN; Omundo mágico, encantos e encantamentos de João Redondo, onde se tinha uma exposição de vários mamulengos feitos e usados por artistas locais; Saberes e fazeres do povo potiguar, onde se mostrava a produção artesanal que retratavam os mais diversos elementos; e Atos e memória, a arte, fé e religiosidade do povo, onde eram expostas produções artísticas e manifestações religiosas do Estado¹⁰. Durante a visita, os alunos puderam ter contato com as mais diversas formas de manifestações culturais produzidas no nosso Estado e dessa forma tiveram uma experiência direta com aquilo que foi explicado durante o primeiro encontro. Os alunos foram orientados pelos guias do museu, que exploraram todas as alas do espaço e também foram direcionados pelo roteiro de perguntas que foi pensado para focá-los em determinados aspectos pré-estabelecidos pela equipe do PIBID. Estes roteiros integraram a etapa do registro, pois, através destes instrumentos os alunos tiveram um olhar mais direcionado a determinados aspectos que se pretendeu trabalhar posteriormente à visita. Para os alunos foi

⁹ Todo patrimônio é imaterial. A dicotomia material e imaterial é reveladora das disputas que cercam a discussão patrimonial no Brasil. Entretanto, todo e qualquer bem patrimonializado é imaterial, posto que a ideia de patrimônio não lhe é intrínseca. Pelo contrário, é uma atribuição de valor.

¹⁰ Os nomes dos módulos refletem o encantamento pelo que é considerado popular: ações exóticas para a elite que fazem parte do cotidiano das pessoas comuns.

solicitada uma atenção especial ao espaço onde se localizavam os brinquedos e brincadeiras tradicionais, já que este era o foco do projeto. Nesta ala os alunos puderam não somente observar os brinquedos e brincadeiras que estavam sendo expostas, mas questionar e refletir sobre as notórias diferenças entre os brinquedos populares e artesanais e os industrializados. Registraram através de fotografias e descrições escritas o que estavam vendo, ouviram explicações da guia sobre as características de cada brinquedo e começaram a entender melhor a ideia do projeto. A visita foi de fato muito proveitosa, embora poucos alunos tenham tido condições de ir, pois possibilitou um contato mais aprofundado, dando a real dimensão do que se tratava o projeto.

Na aula após a visita ao museu, foi retomado o roteiro para que houvesse uma troca de informações e discussões a respeito da visita entre os alunos que foram e os que não puderam ir. A ideia era dar início à etapa da exploração através de discussões, das percepções dos alunos durante a visita, dúvidas que pudessem surgir, criando possibilidades para aprofundar e ampliar o que os alunos estavam aprendendo. Neste encontro decidimos também aplicar um questionário de coleta de dados no início e no fim da aplicação do projeto para que se pudesse avaliar o conhecimento inicial dos alunos a respeito da temática e para comparar e avaliar o desempenho significativo do trabalho realizado, tais resultados serão discutidos posteriormente. Neste questionário as perguntas eram objetivas e tinham como intuito fazer os alunos pensarem e explanarem da maneira mais completa o que eles entendiam por patrimônio e se acreditavam que os brinquedos e brincadeiras tradicionais deveriam ser preservados. Outra atividade que integrou as etapas de observação, registro e exploração foram entrevistas que os alunos tiveram de fazer com seus pais ou avós sobre a infância e os brinquedos destes, para que pudessem relacionar as memórias de pessoas mais velhas com as deles mesmos, aproximando-os ainda mais do objeto de estudo.

No decorrer das atividades observou-se o desempenho e crescimento dos alunos que a cada encontro conseguiam desenvolver melhor suas ideias e opiniões acerca das discussões em torno da temática do projeto. Cabe ressaltar que a última etapa prevista no Manual de atividades práticas de Educação Patrimonial (2007) é o da apropriação, na qual sem dúvida, pode-se vislumbrar de maneira mais acurada o resultado das ações desenvolvidas. No entanto, para que houvesse uma materialização do que havia sido observado, descrito, analisado,

discutido e para que os resultados fossem expostos de maneira prática e interessante na Mostra Cultural, sentimos a necessidade de aproximar ainda mais os alunos do universo dos trabalhos artesanais. Nesse intuito foi que pensamos a visita ao Museu do Brinquedo Popular, localizado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, e ao Centro de Artesanato em São Gonçalo do Amarante para que os alunos pudessem ter um contato ainda mais próximo do nosso foco de estudo. Nestes dois momentos os alunos puderam colocar em prática, mais uma vez, o exercício da observação, registro e exploração, só que desta vez com um olhar já bem mais maturado e direcionado para as questões que os interessavam. No Museu do Brinquedo Popular eles puderam observar e interagir com os brinquedos que estavam expostos, além de seguirem o nosso direcionamento e o da guia, levando em consideração que o foco do museu é exatamente os brinquedos e brincadeiras tradicionais. Quanto ao Centro de Artesanato, pôde ser observado o processo de fabricação artesanal, seja de brinquedos ou de outros objetos, mas enfatizando sempre a arte do fazer manual como um patrimônio a ser conhecido e preservado. Aqui esclarecemos mais uma vez aos alunos o que pretendíamos com o nosso projeto e o que queríamos que eles fizessem e entendessem, já tendo em vista a construção dos trabalhos a serem exibidos na mostra cultural.

Nosso foco de ação esteve direcionado, a todo tempo, no sentido de abordar a questão dos brinquedos e brincadeiras tradicionais como patrimônio a ser preservado devido a sua importância de carregarem significados e memórias coletivas referentes à identidade de um povo¹¹. Após as visitas continuamos nosso trabalho através de aulas fazendo discussões e orientando-os para a montagem dos trabalhos deles para a exposição na mostra cultural da escola, que é um momento no qual os alunos têm a oportunidade de realizar ações culturais sobre os mais diversos aspectos. Para dar conta das demandas presentes nesse novo momento, a turma foi separada em grupos nos quais cada um se responsabilizou por trabalhar em cima da nossa temática, mas de maneiras diferenciadas. Um grupo ficou responsável pela confecção de brinquedos utilizando-se materiais reciclados, e a partir daí passaram pela experiência de vivenciarem o processo do *saber fazer* e com isso compartilharam suas experiências. Outro grupo trabalhou em cima das modificações de acordo com os processos

¹¹Apesar de a maioria destes brinquedos e brincadeiras terem como princípio básico a participação de outras crianças (o que estimula o convívio social), haviam brinquedos e brincadeiras bastante perigosas. Isso aparece no Museu do Brinquedo Popular, como por exemplo, o brinquedo Galamarte e a brincadeira Quebra-canela e rendido (OLIVEIRA, 2007).

históricos, dos brinquedos, procurando fazer uma “linha do tempo” mostrando o desenvolvimento dos brinquedos e das formas de brincar e procuraram fazer um processo de comparação entre eles, entre o que seria moderno e o que seria tradicional. E o último grupo ficou responsável por trabalhar a questão do consumismo infantil e como isso agia de maneira direta no processo de esquecimento do patrimônio cultural que são os nossos brinquedos e brincadeiras tradicionais.

Podemos afirmar, após o processo, que o trabalho foi bem sucedido, tendo em vista o envolvimento da turma no nosso projeto de maneira, se não completamente efetiva, mas pelo menos em grande parte. No decorrer de seu desenvolvimento e execução, o projeto sofreu limitações e até mesmo falhas. Não podemos afirmar que conseguimos conscientizar aquela turma a respeito da importância da preservação patrimonial. Isso é algo que merece um acompanhamento constante. Mas, foi uma iniciativa válida que possibilitou não só o nosso aprendizado e desenvolvimento enquanto docentes (objetivo primordial do PIBID). Com base nas observações do perfil da turma durante os quatro meses de atuação do Programa, na análise dos questionários de coletas de dados, nos resultados da Mostra Cultural, além das atividades desenvolvidas, sejam em forma de visitas, discussões em sala de aula, análises de texto e exercícios escritos, podemos verificar um significativo avanço na interação, dinamização do ensino e no despertar da turma para determinados aspectos da história aos quais não estavam habituados a perceber. Foi interessante observar no comportamento dos próprios alunos o avanço e a maturação das ideias a respeito da temática da preservação do patrimônio. No início, poucos alunos conseguiam desenvolver uma ideia sobre a importância de preservar. Muitos deles conseguiam ter a noção de que patrimônios materiais, por exemplo, devem ser preservados, pois instintivamente era mais fácil relacionar os prédios antigos à memória e à História. Mas o *saber fazer*, o patrimônio imaterial era algo distante para os alunos e trabalhar essa perspectiva com eles foi muito interessante e produtiva. Em uma das discussões realizadas em sala de aula o *saber fazer* – e desta vez não diretamente relacionado aos brinquedos e brincadeiras – foi positivamente discutido entre os alunos, dando a eles a oportunidade de discutir, expressar opiniões, trazer exemplos da própria família, de uma avó que sabia bordar, de alguém que conheciam e que sabia fazer a famosa gíngua com tapioca tão famosa no litoral potiguar. A partir de exemplos de pessoas próximas ficava ainda mais fácil para eles entenderem o valor desses patrimônios imateriais que

compõem a nossa e outras culturas. O patrimônio material também foi por diversas ocasiões lembrado, e foi discutida a questão da ausência de políticas públicas para a preservação da cultura, História e memória da cidade de Natal, como vemos na resposta de um aluno sobre a questão da valorização do patrimônio público nesta cidade: *“Deveria haver uma restauração nas partes físicas dos prédios antigos, e o governo deveria incentivar e conscientizar a sociedade da importância dos patrimônios culturais”*.

Além das atividades, nos questionários de coleta de dados também é possível notar avanços quanto às respostas dos alunos sobre o que é patrimônio e sobre a importância de preservá-los, incluído nesse quesito a questão dos brinquedos populares. Nos primeiros questionários é possível notar uma reprodução de ideias do que havia sido discutido durante a visita ao Museu de Cultura Popular. Já nos últimos questionários os alunos apresentaram ideias que iam além do conceitual e já incorporavam nesse processo suas experiências. É o que se nota, à guisa de exemplo, nas conclusões dos trabalhos que tinham desenvolvido para a Mostra Cultural e sobre a atuação do PIBID no sentido de problematizar o patrimônio: *Com o PIBID a gente percebeu que muitas coisas podem ser patrimônio, e se não tivessem me dito isso eu nunca ia saber que tem coisas simples que fazem parte da nossa história. Ou seja, os alunos cognitivamente conseguiram perceber que o processo de patrimonialização não é natural (expresso nas palavras “pode ser”) e que este processo é carregado pela construção do cotidiano das pessoas “comuns” em coisas exóticas (expresso nas palavras “coisas simples”)*.

Sem dúvida, os resultados puderam ser sentidos de forma ainda mais concreta durante a Mostra Cultural, que reuniu todos os trabalhos desenvolvidos pelos subprojetos que integraram o Projeto de Consciência Patrimonial. Durante as apresentações de cada grupo pudemos sentir a realização deles em expor seus trabalhos, que foram desenvolvidos em cada etapa do projeto, em cada visita aos Museus, nas discussões em sala, na leitura dos textos orientada pelos bolsistas. Uma parte do resultado pode ser observada nas fotos e mostram apenas um pouco do trabalho exposto durante os dois dias da Mostra Cultural. A Mostra foi justamente a etapa final do projeto, a chamada *apropriação*, pela qual os alunos tiveram de desenvolver a capacidade de recriar os bens culturais através de variadas manifestações, exercitando a criatividade e valorizando todo o trabalho que foi desenvolvido. Através das fotografias produzidas pelos alunos, objetivamos formar uma linha do tempo que retratasse as

rupturas e continuidades entre os brinquedos infantis; a recriação de brinquedos artesanais feitos com materiais reciclados pelos próprios alunos; e a realização de um vídeo sobre os brinquedos debata com seriedade a questão do consumismo infantil. Estes foram resultados dessa etapa de apropriação que tanto colaborou para concretizar ainda mais o processo de conscientização sobre a importância do patrimônio nas nossas vidas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas Tecnologias - Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEB, 2000.

GOMES NETO, J. M. **Políticas patrimoniais no Brasil: histórico e reflexões**. 2010. Texto não publicado.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____ . **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Memória, história e Patrimônio Histórico**. São Cristóvão: UFS, 2010.

OLIVEIRA, Marcus Vinicius de Faria et al. **Brinquedos e brincadeiras potiguares: identidade e memória**. Natal: CEFET-RN Editora, 2007.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O direito ao passado: uma discussão necessária à formação do profissional de história**. Aracaju: UFS, 2011.

YOU TUBE – Zygmunt Bauman – Fronteiras do Pensamento: <http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>. Acesso em 14 de fev. 2013.